




O encontro com a história: a escolha da profissão docente

The encounter with history: the choice of the teaching profession

El encuentro con la historia: la elección de la profesión docente

Gessione Moraes da Silva - Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer - SEEC-RN | Escola estadual Professora Maria Zenilda Gama Torres | Apodi | RN | Brasil. E-mail: gessionemorais@gmail.com | 

Simone Cabral Marinho dos Santos - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Pau dos Ferros | Departamento de Educação | Pau dos Ferros | RN | Brasil. E-mail: simonecabral@uern.br | 

Maria Audenora das Neves Silva Martins - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Natal | Faculdade de Educação | Natal | RN | Brasil. E-mail: audenoraneves@uern.br | 

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como as experiências pessoais, acadêmicas e profissionais podem influenciar na escolha da profissão docente. O exercício de escuta das vivências e experiências narradas nos conduziram à compreensão de que as experiências de vida dos professores estão presentes e inferem sobre seu ser profissional. O estudo foi realizado com seis professores de História da rede estadual de ensino em um município situado na região oeste potiguar. Com uma abordagem qualitativa, fizemos uso da entrevista do tipo história de vida. As falas dos entrevistados foram forjadas à luz da análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa nos permitem afirmar que as experiências de vida e formação do sujeito professor estão presentes em seu cotidiano escolar e inferem na atitude reflexiva sobre o ser professor e, quando rememoradas, transformam-se em um caminho autoformativo por meio do olhar sobre si.

Palavras-chave: história de vida; formação docente; ensino de história.

Abstract: The objective of this article is to analyze how personal, academic and professional experiences can influence the choice of teaching profession. The listening exercise of narrated experiences led us to the understanding that teachers' life experiences are present and infer about their professional being. Separating the person from the professional is impossible. The study was conducted with six History of the state education system in a municipality located in the western region potiguar. With a qualitative approach, we made use of the life story interview. The interviewees' statements were forged in the light of content analysis. The research results allow us to state that the life experiences and training of the subject teacher are present in their daily school life and infer in the reflective attitude about being a teacher and, when remembered, they become a self-training path through looking at themselves.

Keywords: life story; teacher training; history teaching.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar cómo las experiencias personales, académicas y profesionales pueden influir en la elección de la profesión docente. El ejercicio de escucha de las experiencias narradas nos llevó a la comprensión de que las experiencias de vida de los docentes están presentes e infieren sobre su ser profesional. El estudio se realizó con seis profesores de Historia de la red estatal de educación de un municipio ubicado en la región occidental de Potiguar. Con un enfoque cualitativo, se utilizó la entrevista tipo historia de vida. Los discursos de los entrevistados fueron forjados a la luz del análisis de contenido. Los resultados de la investigación permiten afirmar que las experiencias de vida y formación del docente están presentes en su cotidiano escolar e infieren en la actitud reflexiva sobre el ser docente y, al ser recordadas, se convierten en un camino de autoformación a través de mirarse a sí mismo.

Palabras clave: historia de vida; formación de profesores; enseñanza de la historia.

- Recebido em: 07 de dezembro de 2022
- Aprovado em: 19 de setembro de 2023
- Revisado em: 24 de outubro de 2022

1 Introdução

O indivíduo é um ser em constante transformação e apto ao aprendizado. Por isso, ninguém nasce pronto para exercer essa ou aquela profissão. O homem ou a mulher nasce, cresce e, no decorrer da vida, vai construindo sua identidade pessoal e profissional, por meio de suas escolhas, conflitos, experiências e relações estabelecidas entre os sujeitos em diferentes contextos.

Diante dessa premissa, a compreensão do processo de construção de uma atividade profissional, como o professor de História, é elemento fundamental à afirmação da sua identidade docente. Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado em Ensino intitulada “O sujeito professor e sua história: um olhar sobre si”, e tem como objetivo analisar a influência das experiências pessoais, acadêmicas e profissionais na escolha da profissão docente. Narrar sua trajetória de vida e formação consiste na revisitação de si, envolve sentimentos, alegrias e tristezas que marcam a existência de cada um.

Assim, é relevante ouvir e oportunizar o registro da voz do professor. O exercício de escuta das vivências e experiências narradas permite a compreensão de que elas estão presentes e inferem sobre seu ser profissional. O diálogo entre suas vivências e os modos do fazer docente convergem para uma reflexão significativa no campo da formação de professores, cujo debate é permanente e inesgotável.

2 Os caminhos trilhados: por onde andamos

Dentro da pesquisa qualitativa, utilizamos o método autobiográfico, tendo como aporte metodológico os recortes temporais da vida dos sujeitos envolvidos no estudo, com intuito de compreender os fenômenos analisados na pesquisa. Para fundamentar esse estudo e buscar responder às indagações propostas por meio das histórias de vida, estabeleceu-se uma ponte com autores que discutem e pesquisam com base nas narrativas de vida do sujeito. Dentre eles, destacamos Tardif (2010), Souza (2006) e Josso (2007, 2010), como também Fonseca (2003, 2008), ao trazer os saberes e as experiências transmitidos por meio da narração, como caminhos metodológicos para pensar a formação de professores de História.

Na tentativa de compreender a relação entre a formação profissional e o exercício da docência, trazemos como categorias de análise, as memórias e as experiências do ser pessoal e

profissional do professor, que segundo Fonseca (2003, p. 14) “[...] sendo o professor uma pessoa, a maneira como cada um de nós ensina está diretamente ligada à maneira de ser, aos nossos gostos, vontades, gestos, rotinas, acasos, necessidades, práticas religiosas e políticas”. Tais categorias foram analisadas à luz do pensamento de Bardin (2016). Os sujeitos da pesquisa são docentes com formação em História, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), atuantes na rede estadual de ensino de um município situado na região Oeste Potiguar. Dos seis professores entrevistados, três homens e três mulheres, quatro possuem pós-graduação *lato sensu* e um, pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado. Nascidos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, dois concluíram sua graduação em História na década de 1990, e quatro na primeira década do século XXI. Quanto ao tempo de atuação na rede pública de ensino, varia de 04 a 25 anos. Busca-se a categorização das narrativas como forma de viabilizar a compreensão e interpretação do dito pelos entrevistados, que são identificados no texto por pseudônimos (no caso foram utilizados nomes de personalidades da História do Brasil) para preservar seu anonimato. Além disso, os participantes da pesquisa também assinaram um Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento (TCLE).

Por meio da técnica da entrevista, os professores permitiram o contato com suas experiências, guardadas na memória. A partir das experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, refletiram sobre a atitude do ser professor. No decurso do diálogo promovido pelas entrevistas, os sujeitos apresentaram elementos experienciais que permitiram compreender que o vivido está presente no ser pessoal e profissional do professor.

3 O exercício da (auto) biografia como alternativa de investigação e formação do sujeito

O ato de lembrar o vivido por meio das narrativas de vida permite ao sujeito, que narra o exercício de refletir sobre si, identificar seu “eu” inserido dentro de um processo histórico singular. O uso dessa metodologia de pesquisa contribui também para a tomada de consciência profissional e pessoal de cada um. Esse método de pesquisa aproxima a ciência da vida cotidiana dos sujeitos que participam dos estudos. Nesse prisma, a (auto) biografia pode ser utilizada como alternativa de investigação e formação, pois permite que o sujeito, ao investigar cientificamente sua trajetória de vida, por meio do registro narrativo dela, possa também formar-se.

A existência do homem é organizada em etapas, nas quais se vivenciam situações diversificadas que marcam a constituição de seu ser. Essas situações, quando narradas,

possibilitam uma constituição da trajetória de cada um. Conforme aponta Thomson (1997, p. 57), “[...] ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser no futuro”. Ou seja, durante o processo de desenvolvimento da narrativa, revisita-se a vida, identificando as representações das experiências vividas.

A reflexão sobre o vivido é indispensável ao processo de autoavaliação de cada um. Assim, quando se fala em formação e, em especial, em formação continuada, é importante pensar sobre a relação das histórias de vida no processo formativo. Conforme afirma Josso (2007, p. 413), “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular/plural, criativa e inventiva do pensar do agir e do viver junto”. E é nessa perspectiva de valorizar a subjetividade do sujeito, suas ações, pensamento, ideias e saberes que o exercício de falar sobre suas vivências surge como uma alternativa viável à reflexão de si.

As narrativas são vistas, então, como um viés formativo por possibilitar a construção e a compreensão do conhecimento de si e das relações estabelecidas em todas as fases da vida. O exercício de falar ou escrever sobre a própria história oferece um leque de possibilidades investigativas no tocante ao trabalho com memórias, experiências e atuação dos sujeitos.

Por meio de suas falas, é possível identificar os aspectos sociais, econômicos e culturais, bem como suas implicações na identidade e prática do colaborador da pesquisa. Trabalhar a partir das vivências narradas, “[...] implica tornar a própria história narrada o núcleo do estudo, o que demanda entrar em contato com diferentes memórias, representações, subjetividades e narrativas que o processo identitário comporta” (SOUZA, 2006, p. 87).

A opção pela história de vida dos professores proporciona aos pesquisados um encontro consigo por meio da memorização do vivido, de suas experiências. Nesse exercício, refletimos sobre os eventos significativos para a construção profissional dos sujeitos. Isso permite entrelaçar as vivências e extrair delas os elementos necessários à transformação de si, além da valorização deles, fato que ficou visível no decorrer da pesquisa. Também permite a reflexão sobre si em diferentes contextos, ao falar de recordações-referências, ou seja, de suas experiências formadoras. Nesse sentido, Josso (2010, p. 37) afirma:

A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve daí para frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida.

Essas experiências estão presentes nas histórias de vida e a consciência delas permite ao sujeito professor um processo de transformação de suas ações formadoras, revivendo e, ao mesmo tempo, redefinindo-as no espaço, no tempo e em diferentes contextos de aprendizagens. A opção pelas histórias de vida, neste artigo, deve-se ao fato de que elas possibilitam ao professor a oportunidade de pensar suas vivências e, com elas, os momentos que marcaram e definiram a constituição do ser professor.

É importante enfatizar que não são todas as vivências do professor que contribuem para formação e constituição de si. Como lembra Josso (2010), as vivências se transformam em experiências quando são lembradas e têm um significado marcante na vida dos sujeitos, marcas que proporcionaram para ele um aprendizado, um ensinamento. Ouvir essas experiências é possibilitar ao professor conhecer a si mesmo, e, nesse sentido, a máxima de Sócrates nunca esteve tão atual. Assim, uma pesquisa que se proponha a trabalhar com as histórias de vida dos professores tem que ter como foco os acontecimentos e a subjetividade que permeiam a existência deles.

A experiência vivenciada pelo sujeito implica em aprendizagens de diferentes gêneros. Josso (2010) discute acerca de gêneros de aprendizagens e conhecimentos presentes na história de vida dos sujeitos, que norteiam as experiências formadoras do professor e constituem um elemento de formação do ser. A partir de suas experiências, o docente consegue se descobrir como ser psicossomático que interage com outros homens e com a natureza e, como ser, realiza as representações de suas vivências e aprendizagens. Enfim, é a subjetividade do sujeito que permeia sua existência e está expressa no falar e agir do ser, no aspecto pessoal e profissional.

4 O encontro com a história

As autonarrativas dos professores permitem identificar traços semelhantes e distintos entre as falas. São vivências que aproximam e distanciam um do outro, oferecendo trilhas para compreender a dinâmica formativa que define a escolha do curso e o exercício da profissão. O professor que temos hoje é resultante de um conjunto de experiências vivenciadas no decorrer do processo formativo e existencial inerente a cada um.

É notório que as experiências de outrora norteiam escolhas, ações e atitudes do presente. São tidos, então, como pilares de sustentação da prática docente, visto que os ensinamentos da

família e os professores tidos como espelho da docência aparecem no discurso e no cotidiano do professor, definindo-o.

A partir das vozes dos sujeitos, identificam-se fatos e acontecimentos que definiram a escolha pela profissão. A família aparece nas vozes dos professores constantemente, assim é possível perceber que a escolha pela profissão professor e, especificamente, pela História como ciência de formação, tem raízes nas bases familiares de cada um. Na narrativa do professor João, a opção pela disciplina está intimamente ligada aos aspectos familiares, narrados por este com paixão e admiração, quando resgata da memória a imagem de sua mãe contando histórias para a vizinhança.

[...] Bem, tenho uma ligação com a História voltada para o lar. Minha mãe fazia recitais de literatura para os vizinhos: contos, fábulas, estórias de Trancoso... Isso me fez gostar de História. Achava interessante ela pegar uma obra de Hans Christian Andersen, Charles Perrault, Jean de La Fontaine, esses grandes fabulistas. Se deparar com palavras que não são simples, e, colocar um sinônimo para que as pessoas com menos instrução pudessem compreender. Minha mãe estudou só até a 5ª série (atual 6º ano) e, ela conseguia traduzir uma palavra que tinha um significado complexo, em uma palavra popular que deixava as pessoas sabendo o significado[...] Isso despertou minha curiosidade. Tanto que, depois dos recitais pegava os livros e ia ver o significado da palavra. (autonarrativa/entrevista – João)

Reforçando a fala do entrevistado, Santos (2005) enfatiza que a escolha da profissão é baseada na realidade na qual vive o sujeito. No caso do nosso entrevistado, sua família, em especial a mãe, influenciou o processo de escolha da profissão. O encontro com a história teve sua iniciação pela escuta atenta das fábulas, dos contos e das histórias de Trancoso, particulares da literatura oral. As experiências vivenciadas na infância resultaram no desejo de ir além dos Contos da Carochinha (são histórias inverídicas passadas de geração para geração), de modo a alcançar o conhecimento sobre a formação do país e do mundo através da História, sem perder de vista a paixão pela narração em sala de aula, tal qual a mãe transmitia nos sarais literários. Aliás, como identificado nos estudos de Gusmão (2004), a oralidade e a capacidade de sensibilizar o aluno romaneando a história foram atributos necessários ao professor de História.

As experiências pessoais vivenciadas no seio familiar estão presentes nas narrativas da maioria dos entrevistados. O acesso a livros, o convívio com familiares, que também são professores, dentre outras situações vividas no lar, influenciaram na opção pelo curso e pela profissão. Muito embora alguns não tenham tido a História como sua primeira escolha, durante sua autonarrativa, é perceptível que ela tem raízes profundas no vivido. Esse contexto corrobora com o pensamento de Santos (2005), quando afirma que aquilo que vivenciamos no cotidiano familiar influencia na escolha da profissão.

A influência familiar é notória pelas falas da maioria dos professores ao relembra-rem o as histórias em seu lar. Essa influência também é identificada na narrativa de Pedro, ao destacar o acesso a livros que ele teve na infância: “[...] o contato com a leitura de forma geral, minha família sempre me incentivou, sempre tive acesso a livros, revistas e, isso despertou meu interesse pela história” (autonarrativa/entrevista - Pedro). Nos estudos realizados por Gusmão (2004) sobre aproximações e distanciamentos entre o professor do passado e o do presente, o gosto pela leitura foi apontado por sujeitos da sua pesquisa, como um dos elementos de constituição do ser professor de História. Afinal, para que o professor de História pudesse exercer fascínio entre os alunos por meio de narrativas orais e de aulas expositivas, a leitura não poderia ser dispensada.

O professor Pedro tinha como sonho cursar Direito, inclusive, antes de conseguir aprovação em História, fez vestibular para outros cursos. O fato de não obter o êxito esperado gerou o medo de fracassar mais uma vez, levando este a escolher um curso de acesso mais fácil, e, assim, garantir seu ingresso na Universidade.

Eu sempre estudei em escolas particulares, mas, não pensava até o ensino médio em ser professor, nem nada do tipo. Acabei fazendo vestibular para História, na UERN por vários motivos: primeiro por gostar da disciplina e dos professores, segundo pela identificação com as Ciências Humanas e, por último pela intenção inicial, que era fazer a faculdade de História como trampolim para o curso de Direito. Além de tudo isso, existia o medo de perder mais um ano, então estudei bastante para passar em História. (autonarrativa/entrevista – Pedro).

A escolha do entrevistado pelo curso de História está intimamente ligada aos aspectos pessoais. Para o entrevistado, ser professor de História não foi a sua primeira opção, mas as circunstâncias da vida o levaram a escolhê-la. De um modo geral, o ser professor tem sido menos atrativo, pois, nos termos de Fonseca (2008), essa profissão é marcada pela desvalorização econômica e desprestígio social, em um cenário complexo, diverso e ambíguo que implica uma construção cotidiana do fazer-se e tornar-se professor de História.

Pensar sua trajetória formativa, por meio do percurso vivido, consiste em rever fatos e acontecimentos experimentados. Tal compreensão permite refletir acerca de sua contribuição na construção profissional e pessoal do sujeito, permitindo que seus saberes sejam trilhas que levem a desvendar o conhecimento de si.

Escolher uma profissão e seguir por ela toda sua existência é uma responsabilidade que requer do indivíduo uma preparação constante, essa só será possível se for proporcionada oportunidade de construção e reconstrução de si. A professora Isabel vivenciou esse momento

muito cedo, aos 16 anos, quando havia concluído o Magistério e teve sua primeira experiência com o vestibular, não obtendo êxito. Mesmo sendo uma boa aluna, a insegurança e a desmotivação a fizeram parar no tempo.

Eu sempre fui uma boa aluna. Mas não consegui passar no vestibular, quando conclui o magistério, então deixei o tempo passar. Passaram-se 07 anos, após esse período, casada e com 01 filho decidi recomeçar me sentia enferrujada, desatualizada na época, mas, não desvaneci estudei e para minha felicidade ouvi meu nome no rádio. Eu passei no vestibular para História (risos). (autonarrativa/entrevista - Isabel)

A voz da narradora enche-se de felicidade ao narrar seu ingresso no ensino superior. Apesar de ter trilhado outros caminhos antes de voltar aos bancos escolares, frequentar a universidade possibilitou-lhe se descobrir como estudante, despertou sua curiosidade pela História e reacendeu sua paixão pela ciência: *“A faculdade foi algo novo, diferente, eu redescobri muita coisa morta que havia em mim”* (autonarrativa/entrevista - Isabel). A aprovação no vestibular no ano de 2000 foi um charneira que, de acordo com Josso (2010, p. 70) *“é um momento de reorientação que se articulam com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais”*. na vida da entrevistada, visto que viabilizou a transformação de sua vida.

A relevância que Isabel atribui ao conhecimento constitui um fato que impulsionou a conquista do sonho de chegar ao ensino superior. De dona de casa, costureira, à professora de História da educação básica, essa foi a grande realização de Isabel, que culminou no sucesso associado ao conhecimento.

O ser humano está em permanente construção. Fonseca (2008, p. 81) afirma que *“os sujeitos constroem permanente seus saberes, no decorrer de suas vidas”*. Essa constituição se dá durante nosso percurso existencial e tem como base de sustentação a família. As inferências familiares ficam evidentes nas vozes dos participantes da pesquisa, ao narrarem vivências marcantes e incentivadoras desenvolvidas no lar. Além da importância da família já descrita pelos narradores anteriormente mencionados, ressaltamos a voz da professora Maria para reafirmar o argumento de que a experiência familiar e, conseqüentemente, pessoal, contribui para a atitude reflexiva do professor. A pessoa e a profissional que Maria é hoje resultam do apoio e insistência de sua mãe em mantê-la na escola, pois, quando aluna, não gostava de estudar e segundo sua própria voz, era uma péssima estudante.

Eu era uma péssima aluna. Não gostava de estudar, indisciplinada muito, indisciplinada [...] Demorei muito a ler, não sabia ler. Lembro que naquela época, as notas eram dadas assim: bom, ótimo, regular, irregular. Eu só tirava irregular ou insuficiente, não gostava de estudar de jeito nenhum. Fugia da escola, para tomar banho na lagoa, e, minha mãe ia me buscar e levava para sala de aula. (autonarrativa/entrevista – Maria)

Nota-se, portanto, que a atuação da mãe de Maria foi determinante para que ela continuasse sua vida escolar. A indisciplina de Maria estava associada à forma como a menina era tratada na escola, por ser uma “criança gordinha”, era motivo de provocações pelos colegas. E, com intuito de se ver livre dos insultos, juntava-se aos alunos mais indisciplinados da turma como forma de se proteger. Segundo ela:

Uma coisa que eu tentava esconder de mim, eu sempre fui uma mulher gorda, muito gorda. Na minha fase de adolescência e, em sala de aula para que ninguém ficasse com apelidos comigo, eu me juntava com os piores alunos da classe. Era uma fuga, porque eles me protegiam, eles não colocavam apelidos em mim, ao contrário me protegiam. (autonarrativa/entrevista – Maria)

Na verdade, o desinteresse de Maria pelos estudos coadunava com as dificuldades vivenciadas no ambiente escolar, as experiências existentes na memória são utilizadas para refletir sobre a forma como seus alunos se comportam. Em vários momentos na narração, a professora relaciona suas vivências com a realidade do chão da sala de aula. Assim, vai construindo sua identidade profissional cotidianamente, e, nessa construção, a figura da mãe aparece como um pilar de sustentação e incentivo ao compartilhar o gosto pela leitura. A voz de Maria deixa evidente o papel da família na formação do ser: “*Trazia um livro para mim e, mamãe porque eu lia e depois ela lia também, e a gente fazia aquela fila para fazer a leitura, então minha inspiração foi ela*” (autonarrativa/entrevista - Maria).

O vivido no lar deixa marcas que definem o ser de cada um. Essa perspectiva é constante nas narrativas dos sujeitos entrevistados. A professora Leopoldina, filha de professores, teve como maior exemplo seu próprio pai, hoje falecido. Ela gostava de assistir a filmes com ele e ouvir as explicações históricas que ele fazia. As conversas com o pai constituíram os primeiros passos para a formação da futura professora de História.

Pelo fato de meu pai ser professor, eu sempre tive acesso a livros de história e, também assistia depoimentos, documentários, jornais, filmes com ele... Ele sempre comentava explicava o porquê das coisas, o período dos acontecimentos. Ele sempre foi muito de esquerda, isso também me influenciou diretamente na questão política, as críticas e questionamentos. Daí veio minha identificação com a área da história. (autonarrativa/entrevista – Leopoldina)

Os momentos compartilhados com o pai, durante sua formação, influenciaram a constituição da atual professora de História, muito embora, todas as atividades realizadas com o pai tenham sido apenas momentos de descontração e diversão; na verdade, eram repletos de aprendizagens e formaram a base sólida de sua futura profissão.

Talvez, por ser filha de um casal de professores, a opção pela docência foi cercada de recomendações, pois, como ela teve quase toda sua vida escolar no ensino privado e apresentava uma pré-disposição para o Direito, esperava-se que ingressasse por caminho profissional diferente da docência. Essa escolha não se deu logo a princípio. Primeiro, a então adolescente Leopoldina sonhava em prestar vestibular para o curso de Direito.

No princípio eu tinha vontade de fazer Direito, muita vontade mesmo! Só que na época na qual, fiz vestibular não existia faculdade particular (aqui na região) era apenas a UERN, que oferecia o curso de direito e era muito, muito concorrido. Porém, nesse mesmo período a universidade oferecia um vestibular interno e, essa foi minha primeira intenção. Fazer o vestibular para História ser aprovada e lá fazer a reopção para Direito. (autonarrativa/entrevista - Leopoldina)

Até esse momento não era objetivo de Leopoldina tornar-se uma professora de História, e, assim, seguir a carreira de seus pais. Para a ela, a aprovação no curso de História seria apenas o caminho de acesso ao Direito. No entanto, certa vez, na Universidade, a menina se deparou com uma realidade que a conquistou: colegas, professores e as disciplinas intensificaram a paixão pelas discussões históricas, levando-a a permanecer no curso.

O encantamento pela história também é mencionado na fala de Deodoro. O professor lembra, com paixão, das aulas de História e de seu encanto pelos temas históricos: “[...] eu ficava encantado com as explicações sobre a origem da vida, os dinossauros, índios[...]” (autonarrativa/entrevista - Deodoro). Desde cedo, o menino que se tornaria um professor encantava-se com a história da humanidade.

Apesar de ter o apoio da família para a realização de seus estudos, ele confia que a grande contribuição do ensino para a sua profissão se deu no ensino médio e na Universidade:

Pois, como muito criança, tive que ajudar ao meu pai no comércio, não dispunha de muito tempo para estudar. O que prejudicou e, de certa forma comprometeram meus estudos nos anos iniciais. Assim o que me despertou mesmo para a profissão foi a experiência com o estágio, no Magistério e na Universidade. (autonarrativa/entrevista - Deodoro)

A fala do professor deixa evidente sua reflexão acerca dos prejuízos causados ao seu processo formativo, por causa de sua inserção precoce no mundo do trabalho. Ou seja, muitos saberes e conhecimentos que poderiam ter sido apreendidos durante o ensino fundamental foram

cerceados, devido às obrigações do trabalho. As marcas da vida imprimem na formação características que vão constituindo nosso ser. O vivido na família, na escola, academia e outros espaços de formação formal ou informal oferecem elementos que viabilizam a compreensão em torno da própria formação.

Analisando as memórias narradas pelos professores, identifica-se que a opção pela História tem raízes originais no seio familiar. Os professores João, Pedro, Maria e Leopoldina deixam evidente em suas falas o quanto a participação dos pais foi decisiva para a escolha do curso. Embora, à época, não tivessem maturidade suficiente para compreender tais influências, hoje, rememorando tais experiências, refletem sobre sua formação e reconhecem as contribuições familiares e pessoais que os fizeram optar pela História.

A paixão resgatada da memória do professor João, quando relembra os sarais organizados e executados por sua mãe; o amor materno retratado na persistência da mãe de Maria, ao levá-la sempre de volta à escola; os momentos de lazer que Leopoldina compartilhava com o pai foram as primeiras sementes do gosto pela História na mente e no coração desses professores. Os relatos de Deodoro e Isabel, que se encontraram com a História no decorrer das aulas, demonstram também como as experiências pessoais influem na constituição do ser profissional. Nessa perspectiva, Bosi (1994, p. 17) salienta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

As experiências narradas pelos entrevistados foram significativas e contribuíram para a formação dos sujeitos, definidas no dizer de Josso (2010, p. 47) como “experiências formadoras” que “[...] simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”. Nesse sentido, busca-se revisitar a vida e, com isso, sua própria existência.

5 O vivido na academia e sua relação com o ensino

O discente de outrora, ao assumir a função de docente, faz uso das experiências vividas durante seu percurso formativo e, ao realizar o exercício de narrar sobre si, reflete acerca dos aspectos e das razões que o levam a defender ideologias e práticas pedagógicas.

Muitas dessas concepções ideológicas são apreendidas no decorrer do curso de Licenciatura. As vozes dos sujeitos evidenciam a propagação das práticas pedagógicas vivenciadas na universidade e reproduzidas pelos professores no chão da sala de aula. Esse

aspecto fica notório ao abordarmos as memórias dos sujeitos professores acerca dos mestres que marcaram a graduação. As memórias de João retratam bem esse aspecto, quando diz:

Chica da Silva era professora de História Antiga e, Zumbi era professor de História da América. Chica da Silva pelo jeito simples de dar aulas, pela maturidade principalmente, com os alunos que vinham de outra cidade [...] ela via aquilo como algo que as pessoas deveriam considerar, esses alunos deveriam receber uma atenção maior lá (na Universidade), e a parte humana. Achava interessante, ela conhecia as pessoas pelo nome. Eu acho legal isso, alguém chamar o outro, pelo nome. Zumbi, por ele ter vivenciado o momento do golpe militar, foi preso, torturado e, assim, um grande incentivador. Um cara que incentivava com leituras, o legado desses professores está até hoje. Eu agradeço demais a eles inclusive já tive oportunidade de agradecer pessoalmente. (autonarrativa/entrevista - João)

O professor destaca as marcas deixadas por dois professores da faculdade de História. O jeito simples e amigo da professora (que na época narrada ministrava a disciplina História Antiga) se tornou referência na pessoa e no profissional de João, por suas atitudes humanistas. A professora conhecia a dura rotina de viagens dos alunos da universidade que residiam em outros municípios e considerava essa informação na forma como se relacionava com os alunos. Aproximava-se deles a ponto de conhecê-los pelo nome. Já o Professor Zumbi é lembrado por seu exemplo. Sua história de vida é, na verdade, uma das mais valiosas aulas acerca da Ditadura Militar, encantando e incentivando o ainda graduando João a buscar leituras relevantes a sua formação. Essas narrativas estão imersas em uma prática educativa envolvida por afetos e criação de vínculos, embora esse tipo de prática seja algo, cada vez mais distante, como nos lembra Hempkemeyer (2022). Para a autora, a dimensão afetiva da prática educativa é processual e cria aberturas possíveis para o exercício experimental da docência.

Os modos de existir, pensar e agir dos professores citados por João contribuíram para o seu fazer docente. Desde o início de sua carreira na docência, ele é conhecido devido ao fato de conhecer os alunos pelo nome. Essa característica está associada à personalidade da professora Chica da Silva, assim como o uso de tópicos nas aulas de História provém das vivências com o professor Zumbi. João, em sua narrativa, reflete sobre as experiências vividas e consegue perceber que elas constituem seu fazer pedagógico, fato retratado ao falar do legado desses professores para sua prática.

Corroborando com o discurso do entrevistado, Fonseca (2008) afirma que a graduação é uma oportunidade relevante de construção do ser pessoal e profissional do professor, é um lugar de constituição das características da profissão. Durante o percurso formativo, diversas experiências se comungam e definem o ser enquanto pessoa e profissional. Algumas vezes, o exemplo consiste no fato de se considerar como ruins as práticas e as atitudes dos mestres durante

a formação, classificando tais posturas como inapropriadas ao bom exercício da docência. O professor Pedro, ao lembrar-se dos professores modelo da academia, ressalta também algumas metodologias utilizadas por estes que, de acordo com sua concepção, fazem-no classificá-las como referências negativas.

Alguns professores da graduação, eu via como exemplo ruim por duas razões: uma, por reproduzir as aulas de História da educação básica que era a leitura integral do material e na graduação encontramos essa prática também [...]outra coisa era o comportamento desses professores na orientação. Eu lembro que os alunos ficavam de tocaia esperando o professor sair do departamento, para ter uma orientação [...]. (autonarrativa/entrevista - Pedro)

É interessante enfatizar que as experiências ruins, assim como as boas, também contribuem para a reflexão do futuro professor. A fala acima fundamenta a ideia de que tanto as vivências negativas quanto as positivas definem a constituição do ser professor. No momento em que ele se dispõe a falar sobre elas, consegue realizar um processo de autorreflexão, e, associado a este, acontece a autoformação.

A reprodução de conteúdos, a falta de interação com os alunos e o comportamento de alguns orientadores são posturas que o professor Pedro considera inapropriadas à profissão docente, visto que desconsidera a relação de respeito e troca de conhecimentos entre professor e aluno. As experiências vividas com profissionais que utilizavam esse tipo de metodologia na academia levaram-no a adotar metodologias diferentes de ensino a partir da reflexão acerca do que ele vivera.

O comprometimento docente com as aulas e com os alunos também é citado como sendo uma das características relevantes na trajetória formativa dos sujeitos. A seriedade, a maestria com que alguns professores ministram suas aulas é lembrada e propagada pelos profissionais.

As lembranças de Isabel, ao narrar sua passagem pela Universidade, enfatizam bem esse aspecto ao recordar com admiração e respeito à postura de seus mestres.

[...] Lembro o quanto ele era comprometido, tanto que era conhecido como o carrasco de história. [...] Eu adorava as aulas, era tão bom, tão bom, tão exigente que, numa dada prova, fiquei abaixo da média. O professor tinha uma salinha no bloco de História. Tinha tanta vontade de falar com ele [...]. Ele era inteligente e, eu o admirava. Um dia eu tomei coragem e me aproximei. (autonarrativa/entrevista - Isabel)

As palavras da entrevistada revelam sua admiração pela forma como o professor ministrava suas aulas. Apesar de ter obtido uma nota baixa na disciplina, conseguiu reconhecer as possibilidades que uma aproximação com o professor traria a sua formação. As lentes de admiração com as quais Isabel via o professor mobilizavam-na a querer estabelecer um elo de

proximidade ele. Desejava compreender e compartilhar dos saberes que o professor expressava, pois a forma como ele falava da História a encantava e alimentava ainda mais a paixão pelo curso. Além disso, as posturas e as metodologias utilizadas por este se tornaram referências formativas na vida e na profissão.

O aprendizado proporcionado pela universidade oferece uma base teórica para a atuação profissional, muito embora a identidade profissional de cada um seja resultante de um conjunto de experiências e aprendizagens que acumularam no decorrer de toda existência. Assim, as memórias do universo acadêmico presentes no falar de si demonstram a relevância deste para a formação dos sujeitos, não apenas no sentido de produzir conhecimentos científicos, mas, também, pelo fato de proporcionar vivências e saberes que estão além dos conteúdos.

O contar-se oportuniza olhar sobre si e identificar as oportunidades desperdiçadas, os sacrifícios feitos e as consequências que o vivenciado impõe ao sujeito. Concordando com esse pensamento, destaca-se a voz de Maria, ao narrar sua trajetória formativa.

O que eu mais queria era cursar História na Universidade. Cheguei tarde lá, aos 28 anos. Para o tempo, já cheguei bem madura e assim, não estudei muito, porque eu trabalhava no cartório. Eu dava dois expedientes no cartório e ia para a aula à noite. No período de eleição, eu perdi uma cadeira[...] Lá na faculdade foi tudo muito bom. Professores ótimos. Gostei muito. (autonarrativa/entrevista - Maria)

O sonho de ingressar na Universidade foi alimentado durante anos e realizado aos 28 anos de idade, mas, quando revivido, perceberam-se as lacunas deixadas nesse percurso. As experiências e todo o aprendizado construído ao longo desse período apresentam imperfeições no tocante ao comportamento da então graduanda do curso de História. Esses deslizamentos formativos, segundo a entrevistada, são frutos da própria imaturidade que temos ao passar pelos bancos acadêmicos, associados à rotina de trabalho.

O trabalhar imputa ao estudar algumas restrições, como: a redução do tempo para dedicar-se aos estudos dos textos, à pesquisa, além do cansaço físico que diminui a disposição para o aprofundamento teórico exigido pela academia. No entanto, é importante ressaltar que o trabalho não impede o sujeito de prosseguir em seu caminho formativo, mas, impõe obstáculos ao seu desenvolvimento.

Mesmo diante dos empecilhos enfrentados, as recordações de Maria também evidenciam as marcas e referências profissionais deixadas pelo professor citado em sua narrativa. Sua história de vida foi para Maria uma aula viva da História do Brasil, seus exemplos, suas vivências, a prisão e tortura vivenciada na época da ditadura militar no país deram vida a esse período

histórico na mente de Maria. Esse fato fortalece o potencial das histórias de vida no processo formativo, mesmo sem perceber, o professor, ao contar sua história, contribuiu para a constituição da futura professora de História.

A experiência de vida é tão valiosa para a formação quanto os conhecimentos adquiridos por meio de livros e instituições de ensino formais. Ela está presente no ser, inconscientemente, como no caso citado acima, e tem relevância para a compreensão do profissional que se tornou, e incute no modo de ser e pensar do sujeito.

Os vestígios deixados pelas experiências vividas no percurso formativo oferecem elementos que possibilitam a reflexão de si e do outro, bem como as contribuições que cada sujeito social impôs a esse processo. É um fenômeno de autoconhecimento que implica na reflexão sobre a docência e a pessoa.

As metodologias utilizadas pelos professores e narradas pelo entrevistado expressam o quanto o fazer do docente interfere na atuação e formação do futuro mestre. As práticas realizadas nas salas de aula hoje são resultantes de tudo que foi vivenciado pelo professor em seu processo formativo. Seja na escola, universidade ou em qualquer outro espaço de aprendizagens, ele adquire saberes que o constituem docente.

As experiências narradas permitem compreender que tanto a identidade quanto o fazer docente estão intimamente relacionados às vivências experimentadas no decorrer de toda trajetória de vida. Ou seja, o profissional de hoje é na verdade um apanhado daquilo que foi e será no futuro, visto que o ser humano é um ser em permanente construção. Corroborando com esse pensamento, Goodson (2007) nos lembra que as experiências vividas no ambiente sociocultural são elementos que incidem em quem somos quanto pessoa e profissional. Nesse sentido o professor precisa reconhecer que os saberes de sua experiência de vida estão presentes em seu fazer pedagógico.

Assim, o contar sobre si constitui uma pesquisa de si e do outro. É tornar-se ator e autor de sua história e de seu processo formativo que, trabalhado na concepção do professor pesquisador, possibilita a construção de saberes próprios do sujeito que, de tão pessoal, somente o próprio ser é capaz de reviver e refletir acerca dele.

O ponto a seguir abordará as experiências vivenciadas pelos professores de História, no decorrer de seu trajeto profissional como docente atuante na sala de aula, bem como as contribuições que a atuação em outras funções ou profissões traz ao ser professor.

6 Ontem aluno (a), hoje professor (a): experiências vividas no chão da sala de aula

Após assumir o status de professor, é chegado o momento de experimentar a docência em seu sentido prático. É, a partir do vivido em sala de aula, segundo Tardif (2010), que o sujeito aprende realmente a ser professor. A lembrança daquilo que foi experimentado no interior da sala de aula contribui para a reflexão sobre si.

A partir do rememorado, busca-se compreender como o professor se vê e pensa ser visto pela escola. É no espaço escolar que o licenciado consegue ver e viver verdadeiramente o que é ser professor. Muitas lembranças e experiências permeiam esse espaço e definem o sujeito como profissional e pessoa. Por esse viés, segundo Araújo e Lima (2017, p. 72), “as impressões do passado que os alunos carregam consigo são fortemente marcadas por seus percursos diários, sendo, portanto, fundamental percebê-las e, sobretudo, considerá-las importantes no processo de complexificação do pensar historicamente”. O início da carreira é sempre difícil, pois, outrora aluno, vê-se responsável pela formação de diversas pessoas e tem que aprender a lidar com personalidades diferentes, na realidade e não apenas no campo da teoria.

O professor João, quando fala sobre o início de sua carreira docente, relata três experiências profissionais que trouxeram contribuições a sua constituição. A primeira experiência retratada deu-se na escola privada vista como incentivadora: “*a escola privada ela só me incentivou a estudar mais, a ser melhor porque você tem que bater a capa do livro, você tem que dar satisfação ao pai de aluno*” (autonarrativa/entrevista - João). Dessa forma, as exigências das instituições privadas de ensino levaram o professor a refletir sobre a necessidade de estudar para atender às imposições colocadas pela escola. O fato deste ainda não ser licenciado em História também contribui para a constituição dessa postura.

Outro aspecto que merece ser lembrado é o fato de que na escola particular o sujeito trabalha sobre pressão: “*você tem que bater a capa do livro, tem que dar satisfação, ao pai de aluno, quando tira uma nota ruim, aqui também (escola pública) tem isso, você tem que dar satisfação, mas, lá os pais pegam no pé*” (autonarrativa/entrevista - João). Além da experiência na escola privada como professor da educação básica, também vivenciou a docência no cursinho pré-vestibular. O professor de cursinho tem algumas vantagens, como bem narra João: “*No cursinho você é mais solto, você tem um leque de coisas, pode improvisar mais, brincar mais,*

você pode ser mais legal. É diferente da regra na sala de aula[...]” (autonarrativa/entrevista - João).

A sensação de liberdade é enfatizada pelo professor ao relembrar suas experiências, evidenciando seu aspecto autônomo. As regras mais rígidas existentes nas instituições de ensino públicas e privadas não são vivenciadas nos cursinhos preparatórios para o vestibular (na época), hoje para Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e concursos. Nesse sentido, atuar como professor de cursinho permite ao sujeito agir sem as amarras tradicionalistas existentes nas escolas de Educação Básica.

Reforça-se o argumento de que não é possível separar a pessoa do professor, ambos estão imbricados. É necessário saber conviver, bem como, controlar as emoções e impulsos individuais de cada um, porém desconsiderar toda carga de experiências e características inerentes ao homem é inapropriado e impossível de se concretizar.

A realidade vivenciada nas escolas públicas e privadas viabiliza o processo reflexivo de João no tocante às contribuições de cada uma na constituição do professor. O vivido nos diferentes espaços escolares apresenta suas peculiaridades, que marcam significativamente a pessoa. A narrativa de João evidencia, ainda, uma reflexão comparativa entre a escola privada e a pública: “[...] na escola pública existe a questão de você ser elogiado, se você trabalha na escola privada o diretor, não elogia não dar um incentivo” (autonarrativa/entrevista - João). A fala do professor deixa claro o quanto a pessoa está presente no profissional. Ao destacar os elogios e incentivos que recebe no setor público relembra e reflete acerca da experiência no ensino privado no qual não recebia elogios, por mais que se esforçasse. Tal observação demonstra, mais uma vez, a relevância da pessoa no profissional.

Enquanto alguns professores vivenciam experiências variadas na docência, outros têm seu primeiro contato com a sala de aula no estágio supervisionado, uma das disciplinas obrigatórias dos cursos de licenciatura. O professor Pedro, que tem apenas 04 anos de exercício no magistério como professor de História, é um dos exemplos que se encaixam nessa estatística e explica parte das dificuldades enfrentadas ao deparar-se com a sala de aula. O início de sua carreira na docência foi difícil, na verdade constituiu um choque de realidade, principalmente no tocante à disciplina: *“A fase mais difícil foram os primeiros momentos, as primeiras semanas é um choque! [...] O aluno ver o professor, como um inimigo que está ali para atrapalhar sua vida”*. (autonarrativa/entrevista - Pedro).

O choque de realidade narrado pelo professor Pedro é comum nos discursos dos professores. Quando ele se dispõe a pensar e rememorar suas experiências profissionais, vêm à mente os primeiros obstáculos enfrentados pelo jovem profissional. Nesse momento, buscam-se os ensinamentos acadêmicos que nem sempre conseguem suprir as exigências reais da sala de aula. É recorrente no processo do fazer-se professor, como apontado por Zawaski e Silva (2021) que:

[...] a profissão exige um *continuum* na formação iniciada na universidade e que estende por toda a vida [...] essa capacidade de tomar as experiências para então, a partir delas, reconstruir aprendizados que acabam por orientar a ação profissional, vai configurando os elementos que forjam essa identidade profissional. (p. 727).

A identidade profissional vai sendo forjada por apropriações, reproduções e mudanças adquiridas ao longo da formação e da prática docente. Para o entrevistado Pedro, muitas vezes, em sala de aula recorreu a exemplos e metodologias utilizadas por seus professores: *“Era uma situação complicada. Eu via o cenário da escola e, ficava me perguntando: o que fazer? Aí ia lembrando experiências de outros professores meus, que me influenciaram com relação à questão da disciplina e colocava em prática”* (autonarrativa/entrevista - Pedro).

A fala do entrevistado deixa evidente a contribuição das experiências na condição de aluno para as atitudes do professor, demonstrando o quanto o ser professor está relacionado com a pessoa humana. Não se podem negligenciar as vivências dos sujeitos, pois os saberes construídos ao longo da vida associados às experiências pessoais e profissionais oferecem elementos que definem o ser docente e influem na sua formação. Ser e vivenciar o magistério, embora seja resultado de um conjunto mais amplo de aprendizagem é, na verdade, um modo particular de cada professor, pois, como afirmou Arroyo (2013, p. 36): *“Somos o que resultamos de tudo. Quando fui, quanto não fui, tudo isso sou”*.

Toda experiência nos variados espaços formativos ou não formativos incide na atitude do ser professor. Vivências nas escolas públicas e privadas, bem como em outras profissões, vão aos poucos definindo a personalidade docente. Ao narrar sua história de vida, o sujeito lembra os acontecimentos vividos e interpreta, reconhecendo a presença destes em sua vida.

A professora Isabel, ao falar sobre si, retrata também as experiências profissionais diferenciadas que, assim como narrou o professor Pedro, também trouxeram contribuições ao exercício da docência. A primeira delas refere-se à condição de costureira; a segunda como professora de História em uma escola privada. Desde cedo aprendeu com sua mãe a arte de

costurar, e, a partir dessa profissão, absorveu e trouxe para a escola elementos que enriqueceram sua postura pedagógica, dentre eles, enfatiza: *“o relacionamento com as pessoas, sou simpática gosto de chegar e abordar as pessoas, sou amigável e procuro manter a disciplina no trabalho com os tecidos e com a docência”* (autonarrativa/entrevista - Isabel).

As experiências, vivências e fazeres da profissão aparecem a partir do momento em que o sujeito professor aceita contar-se. O fato de falar sobre si para o outro é um dos maiores exemplos de reflexão sobre o vivido. Assim, abrir o livro da vida e de lá resgatar histórias que há muito tempo tínhamos delegado ao esquecimento é, no mínimo, um ato de coragem e reconhecimento de si. Nesse ínterim, lembranças são revividas, saberes são construídos e reconstruídos partindo de uma nova interpretação, um novo olhar sobre o percurso formativo.

A revisitação de si proporciona o reencontro com fatos e acontecimentos que marcaram a existência do sujeito e o definiram enquanto profissional. A autonarrativa de Maria, que conseguiu um lugar na docência em 1990, na rede estadual de ensino norte rio-grandense, revela que ela passou poucos meses no exercício do magistério: *“fui requisitada para o cartório eleitoral e, lá fui trabalhar fazendo título de eleitor das pessoas”* (autonarrativa/entrevista - Maria). Mesmo sendo uma função distinta, ela trouxe aprendizados importantes para o exercício da docência anos depois: *“o tempo que eu passei no cartório, me ajudou no tratamento com o outro. Saber receber as pessoas, saber entendê-las e na escola temos muitos meninos que precisam ser vistos”* (autonarrativa/entrevista - Maria).

Por trabalhar com pessoas de várias classes sociais no cartório eleitoral, a professora refletiu e relacionou esta situação com a realidade escolar, na qual convive com uma diversidade de pessoas com costumes, ideologias e experiências diversificadas que precisam ser levadas em consideração no processo de ensino. O outro fato marcante que explica a postura da professora está associado às vivências como aluna em anos anteriores. O próprio desejo de ser vista e percebida enquanto pessoa na época que frequentou a educação básica também reforça sua postura.

A volta ao chão da sala de aula em 2006 significou o início propriamente dito do exercício da docência, após vários anos de inserção nele. Dezesesseis anos depois, a então professora Maria retorna à sala de aula em meio a um cenário completamente diferente dos anos 90, do século XX. A entrevistada fala sobre as dificuldades enfrentadas:

Fui devolvida para a escola Universo da criança (nome fictício) passei uns três meses e depois fui para a Trilha do saber (nome fictício). Cheguei, eu peguei o que tinha. Primeiro, a secretaria e depois a sala de aula [...] então, ensinei: Geografia, Educação Física, Arte, Cultura do RN. Esse ano é que tenho só História, e é uma benção. (autonarrativa/entrevista - Maria)

A salada de disciplinas com as quais os professores das ciências humanas estão sujeitos a trabalhar fica evidente na narração de Maria. É desumana a sobrecarga de planejamento que o professor tem que realizar, devido à variedade de componentes curriculares com os quais necessita trabalhar. Essa dificuldade é apontada pela professora como obstáculos a serem superados nessa fase de reencontro com o magistério.

A professora compara a uma “benção” o fato de no ano de 2016 lecionar apenas a disciplina de História. Isso se deu devido a dois fatores: primeiro, a diminuição de carga horária garantida pela Lei 11.738/2008, e, segundo, pela reformulação curricular do ensino fundamental anos finais que possibilitou o aumento do número de aulas de História. Essas mudanças beneficiaram as ciências humanas e são percebidas pelos professores. A atribuição divina narrada reflete o grau de dificuldades enfrentadas pelos docentes de História que, no decorrer de sua trajetória profissional, recorreram a áreas afins para completar sua carga horária.

A professora Leopoldina quando conta sobre suas experiências profissionais descreve o choque que teve ao se deparar com uma sala de aula: “*eu sofri um choque em perceber que quando você termina a Faculdade não está preparado para a sala de aula, por mais que tenha algumas disciplinas de Didática*” (autonarrativa/entrevista - Leopoldina). Por mais que algumas disciplinas, vistas nos bancos acadêmicos, visem mediar teorias e práticas pedagógicas, o chão da sala de aula apresenta sempre surpresas e desafios para o qual nunca se está totalmente preparado, formado, pronto para atuar na sala de aula. Por essa razão, como nos diz Bueno (2002), a formação é um processo que se inicia antes de o professor adentrar nos cursos de licenciatura, e tem continuidade durante toda sua existência.

As atividades paralelas que o sujeito realiza além da academia, oferecem, também, elementos formativos relevantes à dinâmica da sala de aula. As memórias de Leopoldina reforçam essa ideia quando diz: “*minha sorte foi que durante faculdade paralelamente peguei bolsas e fui ensinando no ensino fundamental, depois fui para a integração (escola privada) ensinei em algumas turmas e adquirir experiências*” (autonarrativa/entrevista - Leopoldina).

As vivências como bolsista e professora da rede privada de ensino viabilizaram a constituição dos recursos teóricos e práticos, que a ajudaram no enfrentamento da dura realidade

da escola pública, principalmente na escola privada, por oferecer, segundo a narradora, a oportunidade de aquisição de saberes.

Percebi porque nas escolas privadas temos que fazer o planejamento semanal e, participávamos de cursos e treinamentos. Essas escolas particulares exigem muito, então fui adquirindo certa experiência, uma metodologia. Porque lá mesmo (Universidade), eu não acredito que prepare não. (autonarrativa/entrevista - Leopoldina, 2016)

As exigências com as quais a professora Leopoldina estava habituada no ensino privado possibilitaram-lhe encarar as dificuldades do cotidiano da escola pública. Na verdade, seu maior impacto estava na comparação entre os ensinamentos acadêmicos e a realidade da sala de aula que, de acordo com ela, não prepara para o enfrentamento do cotidiano da escola: *“o curso de História prepara muito mais o sujeito para ser historiador que, para ser professor”* (autonarrativa/entrevista - Leopoldina). A experiência em lidar com os conflitos em sala de aula vai sendo adquirida no cotidiano da classe. Como fala Leopoldina: *“as experiências que tenho é que cada dia é uma nova aprendizagem, porque nossos alunos vão mudando”*. Em diálogo com Tardif (2010), a perspectiva da entrevistada é de uma valorização dos saberes experienciais em detrimento dos saberes curriculares, não só porque emergem da prática e do cotidiano do docente, mas porque são validados por ela. Ocorre que o conhecimento é um saber, como lembra Pimenta (1999), que o docente precisa ter clareza da sua importância, do seu significado e do seu poder na vida dos alunos. E a Universidade é o espaço indispensável para o conhecimento.

São notórias as mudanças nas quais está imersa a escola. Assim, pensar as experiências profissionais significa refletir sobre as atitudes profissionais e, no desenvolvimento deste exercício reflexivo, construir saberes e aperfeiçoar ações pedagógicas. Nesse sentido, Fonseca (2003, p. 14) afirma que *“[...] sendo o professor uma pessoa, a maneira como cada um de nós ensina está diretamente ligada à maneira de ser, aos nossos gostos, vontades, gestos, rotinas, acasos, necessidades, práticas religiosas e políticas”*.

O ensino de algumas décadas atrás, segundo as narrativas dos entrevistados, apresentava inúmeros obstáculos que dificultavam sua execução. A falta de materiais pedagógicos e humanos; péssimas estruturas físicas das escolas; falta de recursos; ausência de formação, dentre outros empecilhos relatados, levam-nos a refletir sobre as transformações pelas quais tem passado o ensino.

A voz do professor Deodoro retrata bem esse aspecto: *“quando comecei a lecionar não dispunha de recursos, a aula era repetitiva, e enfadonha, o aluno era submetido a copiar todo o*

conteúdo que era transcrito na lousa” (autonarrativa/entrevista - Deodoro). A escassez de material é uma experiência recorrente entre os entrevistados que, de acordo com o tempo de atuação, narram de maneira distinta.

As dificuldades vivenciadas e resgatadas da memória, ao contar sobre as privações de materiais, são acompanhadas por um exercício reflexivo, no tocante às mudanças nas condições de ensino. O professor, através de sua história de vida, percebe as melhorias no ensino ao relatar o seguinte: *“hoje apesar de toda falta de interesse por parte do aluno, nós dispomos de mais recursos como livros, revistas, jornais, internet, documentários, filmes etc.”* (autonarrativa/entrevista - Deodoro).

Rememorar as condições nas quais os profissionais trabalharam permite identificar, e, acima de tudo, valorizar as conquistas. É evidente que estas estão aquém do necessário para uma educação melhor. É como nos diz Josso (2010), contar suas histórias por meio das experiências vividas reconhecendo o valor e refletindo sobre o vivido. Diante do exposto, por meio da fala dos professores, compreende-se como as experiências profissionais incutem nas atitudes docentes. Sua postura e ideologia são marcadas pelo vivido na escola, moldado no decorrer de toda trajetória profissional. Tal posição adotada pelo docente na sala de aula (e na escola) reflete não só as experiências na condição de aluno, mas, também, a formação continuada a que o sujeito professor teve acesso.

7 Considerações finais

As memórias pessoais e sociais do indivíduo são repletas de conhecimentos e saberes que necessitam ser ouvidas, interpretadas e analisadas, como alternativa ao conhecimento de si e do outro. Conhecer a história de vida do/a professor/a através de sua voz permite valorizar esse profissional e reconhecer que, por meio das narrativas, é possível identificar experiências fundamentais criadas e realizadas pelo professor.

A revisitação dessas histórias possibilitou a compreensão de suas trajetórias formativas por meio do lembrar. As memórias pessoais, escolares, acadêmicas e profissionais contadas ganharam um novo sentido e significado na formação do professor. As narrativas dos participantes da pesquisa trouxeram fatos reveladores que demonstram a importância das histórias de vida como técnica formativa.

O falar de si permite a realização da (auto) formação e, com isso, a construção de novos saberes e, principalmente, o reconhecimento da relevância da vida no aspecto profissional dos sujeitos. O processo de escuta viabilizou a compreensão de que o vivido está presente não só nas falas, mas, na identidade de cada um. As características que definem o professor hoje são relatadas nas experiências vividas por ele durante seu percurso de vida. As metodologias utilizadas, a escolha pelo curso, as posturas adotadas na vida e na escola estão imbricadas com as vivências de toda sua trajetória. Nesse sentido, considerar as histórias de vida nas formações dos professores é uma estratégia relevante, viável e substancial às instituições formadoras.

Assim, o trabalho com as histórias de vida não se encerra com a compreensão dos objetivos propostos, ao contrário, instiga a formulação de novas indagações na busca por conhecimentos inerentes à trajetória pessoal e profissional dos sujeitos. A aprendizagem tendo como foco a formação centrada nas histórias de vida é uma destas trilhas, que necessita ser estudada. Ao revisitar as memórias dos docentes, o encontro com a história, ora incerta, ora resolvida, organiza e modela oportunidades, em diálogo com a vida e com os significados da docência.

Referências

- ARAÚJO, Hugo Alexandre de; LIMA, Marta Margarida de Andrade. Aprender pesquisando, ensinar aprendendo: percursos formativos que reinventam práticas e saberes docentes. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 63-86, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618382017063>. Acesso em: 11 out. 2022.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqW3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2023.
- FONSECA, Selma Guimarães. **Didática e prática do ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papyrus, 2008.
- FONSECA, Selma Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

GOODSON, Ivor F. Dar a voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In: NÓVOA, António. Vidas de professores*. 2.ed. Porto, 2007. p. 63-78.

GUSMÃO, Mery Marques. **Memórias de quem ensina história**: cultura e identidade docente. São Paulo: UNESP, 2004.

HEMPKEMEYER, Sheila. (in)Ventar à docência: brotos de autonomia. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 24, p. 1-13, 2022. DOI 10.22483/2177-5796.2022v24id3850. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3850>. Acesso em: 10 out. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741>. Acesso em: 9 out. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortes, 1999. p. 15-33.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. O papel da família e dos pares na escolha da profissão. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005. DOI: 10.1590/S1413-73722005000100008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/qBqcryfLqbvsnf7y6HkXNrv/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Educação em Questão**, Natal, v. 11, n. 25, p. 22-29, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em: 14 out. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 51- 84, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>. Acesso em: 14 out. 2022.

ZAWASKI, Tatiane Peres; SILVA, Gilberto Ferreira da. Histórias de vida por autobiografias: inspirações na constituição docente. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 16, n. 38, p. 715-731, 2021. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1936>. Acesso em: 14 out. 2022.